

# ENTRE UM IDEAL ÉTICO E ESTÉTICO: AS ATLETAS EM CAMPEONATOS DE MUSCULAÇÃO FITNESS E FISCULTURISMO<sup>1</sup>

**Valleria Araujo de Oliveira**

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

**Ana Márcia Silva**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

**Dulce Filgueira de Almeida**

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

## Resumo

O objetivo do artigo é compreender o projeto de construção corporal das atletas de musculação *fitness* e fisiculturistas no que diz respeito às suas identificações e relações de pertencimento ao grupo social. Para tanto, realizou-se uma pesquisa etnográfica, com a utilização da observação direta e do diário de campo, em campeonatos de musculação *fitness* e de fisiculturismo no estado de Goiás/Brasil. Os dados indicam que a “cultura do músculo” é tomada como um elemento que determina os padrões corporais das atletas que buscam corpos definidos e músculos como forma de identificação pessoal. De outra parte, ademais da disciplina e dos sacrifícios, o reconhecimento no grupo contribui para reforçar as subjetividades das atletas e sua autodenominação.

**Palavras-chave:** Fisiculturismo. Feminilidades. Corpo.

## BETWEEN AN ETHIC AND AESTHETIC IDEAL: THE FEMALE ATHLETES IN FITNESS AND BODYBUILDING CHAMPIONSHIPS

### Abstract

The goal of the article is to understand the bodybuilding project of fitness female athletes and bodybuilders regarding their identifications and relation of belonging to the social group. For that, an ethnographic research was performed, using direct and daily field observation, in bodybuilding and fitness weight training championships in the state of Goiás/Brazil. The data indicates that “muscle culture” is taken as a defining element of the body standards of female athletes who aim for defined bodies and muscles as a standard of personal identification. On the other hand, besides the discipline and the sacrifices, the recognition in the group contributes to emphasize the subjectivities of the female athletes and self-denomination.

**Keywords:** Bodybuilding. Femininities. Body.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

## ENTRE UN IDEAL ÉTICO Y ESTÉTICO: LAS ATLETAS EN CAMPEONATOS DE FITNESS Y FISCULTURISMO

### Resumen

El presente artículo busca entender el proyecto de construcción corporal de atletas de fitness y fisiculturismo, en cuanto a su identificación y su relación de pertenencia al grupo social. Para ello se realizó una investigación etnográfica, en la que se utilizaron la observación directa y el estudio de campo en campeonatos de musculación, fisiculturismo y fitness, en el Estado de Goiás/Brasil. Los datos indican que “la cultura del músculo” se toma como elemento que define los patrones corporales de las atletas, que se esmeran por tener músculos y cuerpos definidos, como referencia de identificación personal. Por otro lado, además de la disciplina y de los sacrificios a los que deben someterse, el reconocimiento en el grupo contribuye a reforzar la subjetividad de las atletas.

**Palabras clave:** Fisiculturismo. Feminidad. Cuerpo

### Introdução

Os processos de cultivo do corpo e de valorização e desenvolvimento sistemático da hipertrofia acompanham a um longo tempo a história da civilização social e podem ser definidos como projeto de construção corporal (FERREIRA, 2008). Como relata Sennett (1997), os indícios sobre a exposição pública do corpo e de seu cultivo desenvolvido nos ginásios tanto na antiguidade grega como na romana são localizados desde o século IV a.C., ainda que restritos ao universo masculino. Daquele modelo de beleza como parte do processo de civilidade e como espelho das virtudes morais (LOMBARDO, 2003) à esportivização da estética do corpo musculoso, vários elementos se fizeram presentes.

Os dados, porém, indicam um forte crescimento deste processo de esportivização da estética corporal como informa a Federação Internacional de Fisiculturismo e Fitness (IFBB - International Federation of Bodybuilding & Fitness, no original em inglês) criada em 1946 que atualmente já está presente em 192 países e realiza anualmente mais de 1.500 campeonatos em todo o mundo. A Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness, afiliada a IFBB, realiza cerca de 70 campeonatos por ano e desde 2013, sedia anualmente um evento internacional intitulado “Arnold Classic Brasil”, com a presença de Arnold Schwarzenegger (FURTADO, 2009).

O fisiculturismo feminino no Brasil inicia-se no interior dos processos de musculação nas academias na década de 1980 e desenvolve-se como esporte mais especificamente no início do século XXI (JAEGER, 2009). Frente a esse contexto, pretende-se compreender o projeto de construção corporal das atletas de musculação *fitness* e fisiculturistas no que diz respeito às suas identificações e relações de pertencimento ao grupo social em dois Campeonatos: o Campeonato Goiano Estadual e Campeonato Goiano de Estreantes de Musculação Fitness e Fisiculturismo, ambos na cidade de Goiânia, Goiás/Brasil.

O desenho metodológico inspirou-se nos princípios e técnicas da etnografia com o exercício da observação direta. Utilizou-se também a análise de documentos das federações esportivas correspondentes, a IFBB e a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF – IFBB Brasil). Importante informar que utilizamos ainda dados provenientes de conversas informais com as atletas para apoiar e contextualizar os dados de pesquisa.

No total, foram observadas cinco atletas das categorias “Biquíni *Fitness*”, “*Wellness*” e “*Women’s Physique*” e para preservar suas identidades foram utilizados pseudônimos ao longo do texto. A observação de campo, seguida de diário de campo (DC 1 ou DC 2 de acor-

do com a ordem cronológica das competições) acompanhou a preparação final das atletas nos bastidores das competições, conhecido como *backstage*; as avaliações realizadas por juízes e juízas durante o desfile, conhecido como *mostração e demonstração*; até a apresentação propriamente dita, assim como do momento posterior ao encerramento do campeonato, quando elas se retiram do local da competição.

### O campo: os dois campeonatos

Para participar de competições de fisiculturismo, as atletas devem se adaptar ao sistema, adequando-se, de acordo com sua altura e peso, às categorias previstas pelo código de arbitragem. Os corpos são direcionados para “pertencer” às categorias, pois através das experiências corporais por meio da sociabilização, o sujeito vai moldando-se e ao mesmo tempo é moldado de acordo com os mais diversos interesses pessoais e coletivos.

Dentro deste campo social determinado, as competições de fisiculturismo, há uma organização regida por regras estruturadas e representações sociais da prática corporal aqui investigada que se dão por meio da “escolha da estética – gosto” (BOURDIEU, 2015) e orientam as ações das atletas dentro da situação.

Do Campeonato Goiano Estadual (em 23/03/2017) e do Campeonato Goiano de Estreantes de Musculação Fitness e Fisiculturismo (em 18/06/2017), ambos na cidade de Goiânia, Goiás/Brasil, participaram atletas enquadradas em três categorias: Biquíni *Fitness, Wellness* e *Women's Physique*. Cada categoria possui regras com definição de padrões corporais rígidos para as praticantes, como: definição muscular, simetria, baixa quantidade de gordura, firmeza do corpo, volume e tônus muscular, perfeição técnica, feminilidade, delicadeza e, finalmente, graça, na direção de uma “cultura do músculo” (COURTINE, 2005, p. 82).

Na modalidade Biquíni *Fitness*, por exemplo, não se pode ter volume muscular – o corpo deve ser reto, ereto, seco. Corpos distantes do volume, do exagero, do contorno e formas curvilíneas de um glúteo; braços e pernas não podem ser bem desenvolvidos. Segundo a Confederação brasileira, “as atletas dessa categoria mais se parecem uma modelo *Fitness*: magras, belas e demonstrando um leve aspecto de treinamento com pesos” (IFBB Brasil, 2017).

Já na modalidade *Wellness*, “a categoria da mulher brasileira” (Paula – atleta da *Wellness*), o volume, as curvas e a definição muscular são permitidas, entretanto, o exagero de músculos continua proibido. Assim, são as regras do esporte que legitimam as ações da arbitragem e determinam quem pertence e quem não pertence a cada categoria, atribuindo valores. Nem mais, nem menos – ‘no ponto’. A modalidade *Wellness* segue o padrão do corpo socialmente construído e aceito como símbolo de feminilidade e desejo no Brasil: cintura fina, contornos dos quadris e pernas bem trabalhadas, num formato ou *shape* bem definido.

Segundo a IFBB (2017), a categoria *Wellness* foi criada para mulheres brasileiras que frequentavam as academias de ginástica e que se interessavam em participar das competições de fisiculturismo, entretanto, não se enquadravam nas demais categorias. As prerrogativas que devem ser atendidas na categoria *Wellness* seguem um modelo e a tentativa de naturalizar o formato da estrutura corporal da mulher. Assim, encontra-se como justificativa para afastar as atletas cada vez mais de categorias em que o volume muscular descaracterize esse corpo delicado e frágil, pois “ser forte é tolerada até o ponto em que não ultrapasse aqueles limites ditados por sua ‘natureza’, ou, ainda, pelo que a biologia convencionou designar como próprio do corpo feminino” (GOELLNER; FRAGA, 2004, p. 77).

Segundo a IFBB (2017), “desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos”. Essa adequação se apresenta como necessária e importante, segundo a IFBB, a ser lembrada aos avaliadores que

estão “julgando uma nova proposta de categoria, diferente da antiga categoria Fisiculturismo Feminino”.

### **Dor e Sacrifício: O corpo espetáculo em foco No backstage**

Nos bastidores ou *backstage* quatro cabines parecem ser insuficientes para dar conta da última etapa de preparação dos corpos que serão em seguida exibidos (mostrados e demonstrados) ao público presente e aos jurados criteriosos. Lá, atletas (homens e mulheres) se preparam sozinhos(as) ou acompanhados(as) por seus técnicos ou treinadores (profissional designado como *personal training*, responsável pela preparação técnica de atletas em diversas modalidades, sobretudo, no âmbito dos exercícios resistidos ou da musculação). No momento de preparação – pintura corporal, cabelo e maquiagem – homens e mulheres dividem e circulam pelo mesmo espaço, no mesmo *backstage*. Entretanto, a coloração do corpo das mulheres é realizada antes dos homens, pois elas são as primeiras a subirem ao palco.

Entre a pintura corporal, halteres, penteados e maquiagem, os corpos seguem determinados e preparam-se para subir ao palco onde seus sonhos podem se realizar. No *backstage*, próximo às cabines, onde ocorrem as pinturas corporais que ajudam a revelar as definições musculares, halteres se movimentam, procurando um último sinal do aumento do volume e do destaque das fibras musculares que aliados à desidratação corporal mostram-se e demonstram-se no palco. Todos esses elementos são maneiras de forjar corpos “perfeitos” que são criteriosamente analisados sob o olhar e o “desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem” (COURTINE, 2005, p. 86).

Acerca da restrição ao consumo de água, duas atletas relatam: “*Dá uma sede danada. São 24 horas sem tomar água. Quanto mais desidratada eu ficar no dia, melhor fica meu shape e não transpira também, não borra a pintura*” (Marina, Categoria Biquíni Fitness, 2017). Apesar das queixas, as atletas seguem determinadas em busca de seus objetivos que passam a ser, no momento de demonstração, apresentar um corpo ideal e assim conseguirem expressar o sentimento de que todo o esforço “*valeu a pena*” (Carol, *Wellness*, 2017).

A respeito do *Bodybuilding*, Le Breton (2003, p. 43) nos diz que a dor é valorizada entre os(as) atletas e que ela faz parte do processo para alcançar o objetivo, que está aqui sendo entendido como um projeto de construção corporal. Neste sentido, parafraseando o autor, podemos dizer que a dor é vista como um “enfrentamento simbólico no limite e batente provisório de uma identidade a ser construída”.

A trajetória das atletas para alcançar o corpo almejado se expressa por meio de sacrifícios, dores e contenções, como a restrição à hidratação. A todo momento aparecem narrativas que vinculam o sucesso do corpo “ideal” à dedicação e responsabilidade da própria atleta. Já no nível financeiro, as atletas despendem de um gasto exacerbado com suplementação alimentar, contratação de profissionais para planejar seus treinamentos, refeições adequadas, assim como as despesas de inscrições dos campeonatos, da pintura do corpo, maquiagem, manicure, penteado, biquíni e calçado adequado à competição, sandálias extremamente altas. Segundo uma das atletas observadas, são raras aquelas que têm patrocínio: “*nossa, fica muito caro tudo isso. Geralmente só as que são mais tops mesmo conseguem atingir o nível de brasileiro e mundial tem patrocínio*” (Carol, *Wellness*, DC2, 2017). Com relação aos gastos exclusivos da participação no campeonato, eles podem alcançar a cifra de 2 mil reais mensais facilmente (Carol, *Wellness*, DC 2, 2017). Desse modo, quando comparamos os gastos com o cuidado corporal de uma atleta de fisiculturismo ou de musculação *fitness* com a renda mensal de um trabalhador brasileiro, por exemplo, vemos que os custos para se manter em forma e com um corpo dentro dos padrões ideais dos campeonatos e das redes de sociabilidade das atletas é realmente alto.

Esse dado indica o esforço pessoal e, ao mesmo tempo, contribui para mostrar que o perfil socioeconômico das atletas também atende a um padrão diferenciado em relação à maioria da população brasileira. Aliado a isso, podemos registrar que o mercado de produtos e serviços para o universo *fitness* é bastante promissor, com o faturamento anual no Brasil de aproximadamente 8 bilhões<sup>2</sup> de reais, o que demonstra que além de contar com a autorresponsabilização pela construção dos corpos por parte das atletas, o mercado se beneficia de um padrão de consumo alto por parte delas.

Os cuidados corporais são minuciosos nesse momento. Todavia, ao que parece cada detalhe pode ajudar a fazer a diferença para a realização do sonho de se tornar campeã ou musa *fitness*. A maquiagem, os penteados e vários outros cuidados, como por exemplo, cobrir com touca os cabelos para que não estraguem a pintura corporal no momento em que ainda está fresca, são apenas alguns deles. A tintura no corpo deve ser preservada, pois se constitui como um dos critérios de avaliação.

Segundo Silva (1996, p. 249), “o culto do próprio corpo exige sacrifícios”, assim, para a autora, esses custos se dão tanto em nível financeiro, pois há um alto gasto para preservar a aparência, quanto no nível ético, com um forte sentido de autorresponsabilização. Dessa forma, ambos os custos, constituem aspectos que interferem nas dimensões subjetivas e objetivas na constituição das identidades das atletas.

### A hora do palco

Do momento de preparação no *backstage*, seguimos para o momento de demonstração, que é o ápice da apresentação, a subida ao palco. A apresentação com o narrador anunciando primeiramente a categoria que será julgada e, em seguida, convidando as atletas por seus nomes e números de inscrição. Cada atleta que é chamada para entrar no palco se dirige para lugares apontados pelo narrador. A entrada das atletas se dá de forma similar ao caminhar das modelos nas passarelas, tal como identificado por Sabino e Luz (2007) ao analisarem problemática semelhante no Rio de Janeiro.

O trajeto que as atletas percorrem do *backstage* ao palco, ao iniciar o ‘desfile’, é aquele momento em que cada passo, em cada pose, da retirada dos cabelos já soltos para se observar a musculatura das costas aos pequenos giros de um quarto de volta que permitem observá-las em diferentes ângulos, pode fazer a diferença. Aqui chamamos de ‘desfile’ o conjunto de movimentos da apresentação no palco porque essa expressão vai ao encontro das reflexões de Courtine (2005, p. 82): “o bodybuilder não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente”.

Dando continuidade à competição, são selecionadas então algumas dessas mulheres para o centro do palco para que seja iniciado o “duelo” de comparação da estrutura e posicionamento corporal, de maneira que essa batalha se dá sob o olhar dos juízes e juízas em “[...] impressionantes afrontamentos, pesadas coreografias, duelos de imagens sem contato nem violência, puras lutas de aparência” (COURTINE, 2005, p. 83).

A cada narrativa dos juízes (em sua maioria) e juízas referentes às apresentações das atletas, em ambos os campeonatos, foi possível perceber olhares atentos dos expectadores e expectadoras que se dividiam em diferentes comportamentos: tinham aqueles e aquelas que aplaudiam e estimulam as fisiculturistas, e outros(as) que em determinados momentos, especialmente no momento das poses em que a musculatura se inflava, expressavam-se por meio de frases estereotipadas, especialmente relacionadas às questões de gênero. Inúmeras vezes pude ouvir frases como: “*parece macho*”; “*nossa senhora, forte demais assim é muito feio*”.

<sup>2</sup> Segundo a revista exame, o mercado *fitness* no Brasil movimenta cerca de 8 bilhões anualmente. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/mercado-de-r-8-bilhoes-anuais-fitness-atrai-players-brasileiros/>. Acesso em: 01 jan. 2018.

Durante a apresentação das mulheres da categoria *Women's Physique*, escutei um rapaz, que estava sentando ao meu lado, fazer um comentário comparando as atletas a animais de grande porte. Os comentários pejorativos que pude escutar partiam de expectadores que aparentemente não faziam parte daquele universo. Naquele momento, dentro de um dos parâmetros de julgamento seguiam: “àquilo que agrada, que suscita admiração, que atrai o olhar”, designado como: belo, isto é, a beleza ideal (ECO, 2015, p. 41).

Os olhares dos expectadores e expectadoras apreciam a beleza engendrada como espetáculo e a aparência é observada com o olhar orientado e submetido a determinados códigos de moralidade (VIGARELLO, 2006, p. 17). As expressões faciais e vozes dos sujeitos na plateia aparentam julgar tanto quanto aqueles e aquelas que estão ali para tal função – juízes e juízas. Durante o processo de apresentações, as atletas permanecem no palco em silêncio e com um sorriso no rosto, acompanhando o julgamento da arbitragem, assim como o do público.

Apesar deste tipo de esporte e suas modalidades enfocarem o desenvolvimento e hipertrofia muscular, o rosto e, em especial o sorriso, desempenha um papel fundamental nas competições, como na vida. Por seus traços, o rosto representa a “singularidade do sujeito”, como nos diz Le Breton, porque, afinal, ele “é a parte do corpo mais individualizada” e a boca, a região de “significação psicológica, expressiva à imagem das outras partes do corpo” (LE BRETON, 2003, p. 66).

Segundo Goellner e Fraga (2004, p. 73), a construção dos corpos “robustos e viris” das mulheres no início do século XX foi criticada por Fernando de Azevedo como o “mau uso da exercitação”. Isso porque a hipertrofia muscular na mulher era considerada como uma “afronta aos princípios da composição corporal equilibrada”. Esta é uma reflexão interessante, pois menos de um século depois a modalidade *Wellness* é criada para abarcar um modelo feminino mais aceito socialmente e em expansão nas academias de ginástica, buscando o: nem tão grotesco, nem tão frágil.

Enquanto ocorriam os desfiles, juntamente à avaliação dos juízes e juízas, foi possível compreender os requisitos das modalidades que exigem a permanência da feminilidade, especialmente a *Wellness*: pode-se ter um ‘bumbum’ bem trabalhado, mas não quadril largo; pode-se ter perna torneada, mas não cintura quadrada. O ombro exige cuidado, mas deve-se evitar exageros que lembrem os padrões masculinos. A tônica é a das dualidades, como indicam Sabino e Luz (2007).

O gênero enquanto uma construção social vem sendo reduzido historicamente ao corpo em sua perspectiva biológica, talvez, na tentativa de justificar o lugar e o não lugar de homens e mulheres em diferentes práticas sociais. Nos moldes da sociedade brasileira, predominantemente, as mulheres são vistas a partir do estereótipo da fragilidade, submissão, indumentárias próprias que delineiam o corpo, assim como corpos dóceis e delicados destinados à procriação.

Tais ideais são modelos baseados no androcentrismo e no patriarcado (GARCIA, 2001) que atribuíam/atribuem às mulheres valores inferiores devido à sua suposta fragilidade biológica, vinculada à maternidade, apontando assim como ‘desviantes’ todas que fogem desta norma. Isso as coloca como o ‘sexo frágil’, no qual a delicadeza, a sensibilidade e a feminilidade devem ser características ‘inatas’ das mulheres e, por contraste, a força, a destreza, a coragem e a masculinidade ‘devem’ ser características destinadas aos homens. Apesar disso, sempre está presente a possibilidade de construir feminilidades no plural em diferentes manifestações (JAEGER, 2009, JAEGER; GOELLNER, 2011).

As normativas de gênero imperam na avaliação dos campeonatos em que se reproduzem a naturalização da construção social, de modo que a mulher é assim enquadrada num emaranhado de padrões. Para as mulheres é permitido: um corpo com músculos, mas com curvas; forte, mas que deve ser acompanhado com características que nos façam ligá-las à

doçura e à beleza de quem possui a capacidade da maternidade – um padrão que naturaliza o corpo socialmente construído do feminino, em que há, parafraseando Goellner e Fraga (2004, p. 77): “[...] o encarceramento dos corpos femininos numa trincheira de significados”.

As atletas atravessam o palco de forma sincronizada/alinhada, e na paralisação dos movimentos, a brincadeira de criança ‘estátua’ se concretiza – respira-se com dificuldade, sorriso no rosto e encanto. Sincronizadas e treinadas, pois elas devem saber o que significa cada comando dos juízes e juízas, elas entram. Entram plenas da certeza de que seus esforços, renúncias, sacrifícios, dores e gastos financeiros serão recompensados. Entram e andam sincronizadas, com movimentos sincronizados, quartos de volta sincronizados e o sorriso também sincronizado, lembrando uma máscara por sua artificialidade.

À medida que recebe o sinal dos juízes e juízas, cada atleta se dispõe em um lugar determinado e com pequenos giros no palco para visualização de seus corpos em diferentes ângulos e voltam. Destroem-se as exaltações e o encantamento quando há a exposição de motivos àquelas que não estão entre as três melhores. Enquanto as atletas subiam no palco e apresentavam-se coletivamente, o narrador do campeonato elencava as principais características que poderiam fazer com que as atletas perdessem pontos: “*Presença de espinhas; ginecomastia; sinais de aplicações e inflamações; abdômen dilatado; próteses; desvios posturais; assimetria*”. (Apresentador, DC 2, 2017)

A cada comando dos juízes e juízas, as praticantes se movimentavam obedecendo aos pedidos de verificação de suas estruturas corporais. Ali no momento da exposição coletiva, isto é, no palco, as praticantes são cuidadosamente analisadas pelo grupo de juízes e juízas e pelo público presente a fim de verificar a presença ou não de cada requisito da categoria na qual as praticantes (atletas) se inscreveram. Neste momento, as atletas são indicadas como dentro ou fora do padrão instituído pelas regras dos campeonatos para cada categoria, de modo que o pertencimento àqueles grupos é legitimado pelos avaliadores e avaliadoras. Isto é, o pertencimento às categorias dos campeonatos advém primeiramente da leitura do outro a respeito do corpo das mulheres.

As atletas sobem no palco e se expõem ao público. Após as séries de movimentos treinados e guiados, as avaliações se iniciam – “*Um quarto de volta para direita, aí, para, retire os cabelos. Agora, um quarto de volta para a esquerda. Ok. Podem sair e voltar aos seus lugares*” (Apresentador, DC 1, 2017). À espera das avaliações serem anunciadas, as atletas permaneciam em posições características das competições de fisiculturismo.

Em seguida, começaram as séries de felicitações às fisiculturistas avaliadas como adequadas às categorias e, concomitantemente, a comunicação às atletas que não “chegaram ao ponto” ou “passaram do ponto”, portanto, inadequadas. As avaliações ocorrem publicamente, pois as atletas são avaliadas no palco e as avaliações são emitidas em seguida de suas apresentações.

Nesses parâmetros que situam a mulher hipertrofiada, Goellner e Fraga (2004) apontam que o corpo da mulher é julgado a partir do corpo do homem, mas com um limite que ela não pode ultrapassar, isto é, tudo que ela não pode ser. O descontentamento é aparente nas atletas não classificadas que seguiam sustentando um sorriso, estáticas ou com movimentos sincronizados com as demais, como meras expectadoras de seu julgamento, talvez na direção de um “consenso operacional”, como discute Goffman (1975, p. 18).

Finalmente, na categoria *Women’s Physique*, a avaliação leva em conta mais definição e maior volume muscular que nas categorias anteriores. As atletas entram maquiadas, de biquíni, cabelos arrumados, mas descalças. Embora nessa categoria as atletas não usem sandálias de salto, adereço socialmente considerado como feminino, a feminilidade não pode ser esquecida.

Essa categoria surgiu em 2012 com a finalidade de abrir espaço às atletas que queriam elevar o nível de treinamento visando à ampliação do volume muscular, porém, com cuidado

para não se afastar do padrão normativo de feminilidade. Apesar de limitar os excessos do treinamento ao modelo desejável, o risco por lesões ou consumo de substâncias está longe de ser afastado, como observou Botelho (2009, p. 113) em pesquisa similar com fisiculturistas há alguns anos.

Segundo o IFBB-Brasil (2017), a *Women's Physique* é uma categoria com maior nível muscular do que as categorias Biquíni *Fitness* e *Wellness*; entretanto, deve-se respeitar “anatomia, volume e silhueta feminina”. Embora a modalidade seja dividida por estatura, sendo até e inclusive 1,63 m e acima de 1,63 m, nas competições observadas apenas duas atletas participaram. Segundo a atleta Paula, isso ocorre devido ao elevado nível e dificuldade em se manter na categoria. Esta dificuldade foi também identificada em pesquisa realizada na cidade de Salvador, estado da Bahia, Lima (2016, p. 11), relatando os processos de treinamento ou “estratégias” dos fisiculturistas para se manterem competitivos e os cuidados corporais necessários “para que o corpo se torne competitivo”.

Corpos volumosos com fibras musculares muito bem definidas, uma das modalidades mais exigentes em termos de treinamento para as atletas dos campeonatos goianos de musculação *fitness* e fisiculturismo – *Women's Physique*, segundo seus depoimentos. Nesta categoria deve-se ter o cuidado de não ultrapassar a linha tênue do gênero feminino e entrar nos marcadores do gênero masculino.

Anteriormente a essa mudança, a feminilidade se fazia como um requisito, mas seria secundária na avaliação, pois o que se considerava era o corpo hipertrofiado e desenhado pelos músculos. Entretanto, as problemáticas do modelo de gênero quebram protocolos e a Confederação, na seção relativa às modalidades informa: “não serão aceitas no julgamento as atletas desta categoria anterior”. (IFBB-Brasil, 2017)

Em ambos os campeonatos, a categoria *Women's Physique* contou com apenas duas participantes – sendo as mesmas atletas nas duas competições. Diante do público, ao realizarem os quartos de volta, as atletas se apresentam lado a lado, e em determinado momento das poses, apareceu uma fala de um dos juízes reafirmando a importância da elegância e feminilidade na competição: “*Lembrando que estas poses são do Women's Physique e não do Body Building masculino*” (Árbitro 1, DC 1, 2017). Esta fala não teve direcionamento para ambas, mas em particular a uma das atletas, Sônia, posto que nos dois campeonatos foi possível perceber o seu enquadramento por parte dos juízes ao estereótipo masculino devido à grande quantidade de volume muscular e poses que se aproximavam mais da performance dos homens. Os apontamentos dirigidos a Sônia da categoria *Women's Physique* por parte dos juízes e apresentador dos campeonatos, eram seguidos de risadas e comentários da plateia – “*nossa, parece homem mesmo*”; “*ela é muito grande*”.

Ao ser indicado à atleta mencionada acima que não seria a campeã, ou seja, que seus sacrifícios e esforços foram descartados perante a normativa de gênero, sua pose perdeu a sincronia e sorriso se desfez por alguns segundos. A respiração contida é seguida do sorriso e encanto quebrado no palco dos sonhos. Após passar esses segundos, a força da musculatura do rosto, que faz o sorriso, e a dos ombros devem voltar aos seus lugares. Em ambas as competições, a atleta em questão perdeu para outra atleta que tinha características consideradas mais femininas, inclusive um menor volume muscular. Estevão e Bagrichevsky (2002) informam, inclusive, que frequentemente as fisiculturistas avaliam que a outra é que está masculinizada e nunca elas próprias, o que mereceria uma reflexão inclusive sobre autoimagem e competitividade.

Em suma, Sônia foi anunciada como possuidora de um corpo proporcional à categoria, entretanto, não era digna do primeiro lugar no campeonato, pois ela era desproporcional à normativa de gênero vigente – “*devemos primar também pela feminilidade, por isso a atleta Sônia não foi a ganhadora*” (Apresentador, DC 1, 2017). A atleta então foi anunciada como aquela que se desvia do padrão e que, portanto, está fora da competição e deve mudar.

A esse respeito vale mencionar a relação entre o que é tomado como um padrão na sociedade ocidental moderna e o que é considerado desvio ou desviante. Goffman (1975) discute essas questões relativas à constituição dos estigmas em determinados grupos sociais e vem contribuindo para compreender a estigmatização feita pela IFBB em relação às atletas que não atendem a norma de gênero – “masculinas não passarão”.

### Considerações finais

No campo das práticas corporais, especificamente no esporte fisiculturismo, há uma relação consistente que permeia a dor, o risco, o sacrifício e os estereótipos de gênero, na direção do pertencimento a este campo social e esportivo. Para as fisiculturistas, tornar-se uma atleta está atrelado à identificação e ao pertencimento às categorias dos campeonatos que têm como requisitos mínimos a hipertrofia e/ou definição muscular, bem como a normativa de gênero socialmente instaurada, isto é, ter requisitos que as caracterize como atletas femininas.

Foi possível perceber nas observações das competições que as regras dos Campeonatos de Musculação *Fitness* e Fisiculturismo foram elaboradas de acordo com a construção do corpo designado como “ideal” – norteadas pela dor e sacrifício, representados em processos de treinamento, disciplina e individualização do sujeito. E também adequadas às convenções sociais aderidas pelas normas de gênero da cultura ocidental baseada na heteronormatividade.

Deste modo, as vitórias alcançadas pelas atletas são narradas nas competições como resultado da dedicação individual e da superação da dor. Assim como do sacrifício de cunho ético dessas mulheres que as responsabilizam pelo seu sucesso ou fracasso, sem levar em consideração os determinantes sociais que as impedem ou as auxiliam a subir no palco.

Considerando o que era visto antes como um corpo naturalmente frágil, atualmente é possível perceber a desconstrução dessa fragilidade ‘inata’. Em contrapartida, espera-se ainda das atletas, vestimentas que delineiam o corpo; comportamentos docilizados e musculaturas que não ultrapassem o limite permitido a elas – o limite que se dá é a não aproximação da estrutura corporal dos homens. Considera-se, ainda, que as normas e pontuações denotam certos estereótipos de gênero presentes neste esporte, assim como a disciplina, a dor e o sacrifício como requisitos para a vinculação dessas atletas ao pertencimento ao fisiculturismo.

---

### Referências

BOTELHO, F. M. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2015.

COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo. In: Sant’anna, D.B. (Org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2005.

ECO, H. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Antítese ou reinvenção da feminilidade? As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da ‘malhação’. **Rev. Motrivivência**, n. 19, Florianópolis: UFSC, 2002.

- FERREIRA, V. **Tatuagens, body piercing e culturas juvenis**. Lisboa: ICS, 2008.
- FURTADO, R. P. Do fitness ao wellnes: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Rev. Pensar a Prática**, v. 12, n. 1, p. 01-11, 2009.
- GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B. A inominável sandwina e as obreiras da vida: Silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- IFBB Brasil, 2017. Disponível em: <http://ifbbbrasil.com.br/>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- LOMBARDO, G. **A estética da Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 2003.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- LIMA, M. S. **Foco, força, fé**: uma etnografia sobre o fisiculturismo feminino competitivo em Salvador-BA. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Salvador, Universidade Federal da Bahia (dissertação de mestrado), 2016.
- JAEGER, A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- JAEGER, A.; GOELLNER S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, set.-dez. 2011.
- QUEIROZ e SILVA, T., ALMEIDA; D. F.; WIGGERS, I. Diálogos com Thomas Csordas: o paradigma da corporeidade na Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 42, n. 2, p. 197-205, 2016.
- SENNETT, R. **Carne e pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SILVA, Ana Márcia. Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.1, n. 3, maio 1996.
- VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- .....

Recebido em: 20/04/2018

Revisado em: 26/04/2018

Aprovado em: 01/05/2018

Endereço para correspondência:  
[valleria.a.oliveira@gmail.com](mailto:valleria.a.oliveira@gmail.com)  
Valleria Araujo de Oliveira  
Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação Física, Fef.  
Campus Universitário Darcy Ribeiro  
ASA NORTE  
70919-970 - Brasília, DF - Brasil